

Fazer pesquisa com acadêmicos indígenas da UFRR: a difícil tarefa de fazer Antropologia “dos outros” ao mesmo tempo “de nós mesmos”, os acadêmicos.

LISBOA, João Francisco Kleba. Acadêmicos indígenas em Roraima e a construção da interculturalidade indígena na Universidade [livro eletrônico]. São Paulo: Bookerfield, 2022.

Rejanne do Carmo Ramos¹
ORCID: 0009-0004-2495-878X

Acadêmicos indígenas em Roraima e a construção da interculturalidade indígena na Universidade é fruto da pesquisa de doutorado de João Francisco Kleba Lisboa, junto aos acadêmicos indígenas da Universidade Federal de Roraima – estudantes indígenas matriculados ou formados por esta instituição. A obra “*trata-se de uma pesquisa sobre povos indígenas do Norte do Brasil, mas também sobre o ambiente acadêmico, universitário e urbano*” (Lisboa, 2022, p.21).

João Francisco Kleba Lisboa é um pesquisador não indígena, membro do conselho da ERIP – *Ethnic Relations and Indigenous Peoples*, seção da LASA (*Latin American Studies Association*) – e professor substituto no Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Paraná (DEAN/UFPR). Desde a graduação, Lisboa desenvolve pesquisas sobre os direitos dos povos indígenas. Assim, destacamos que sua pesquisa, que resultou no livro, fundamenta-se na etnologia indígena e antropologia urbana:

Nas comunidades [...] e entre a maior parte das pessoas com quem conversei, os meus objetivos tendiam a ser vistos pelos indígenas como algo útil para eles também, uma vez que esse problema – o de jovens indígenas que saem para estudar em uma universidade – configura uma de suas grandes preocupações (mas também é motivo de esperança) nos últimos anos (Lisboa, 2022, p. 36).

Para compreender a construção do processo de luta por direitos à educação dos povos indígenas, o autor abordou a complexidade inerente a uma pesquisa etnográfica, com o objetivo de realizar um estudo com os acadêmicos indígenas, e não sobre eles. Outro aspecto que merece destaque é a interculturalidade, um conceito-chave que permeia a obra, articulado no contexto do processo de educação escolar e do acesso à universidade pelos povos indígenas, conforme a perspectiva elaborada pelos próprios acadêmicos indígenas.



¹Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade, da Universidade do Estado da Bahia (PPGEDUC/UNEB), com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CNPQ). Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) e licenciada em História pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). E-mail: rejanner0@gmail.com.

A obra é organizada em cinco capítulos, além da introdução e das considerações finais, a saber: 1) “Mito e geografia, história e ciência”; 2) “O movimento indígena em Roraima e a escolarização”; 3) “A presença indígena na Universidade Federal de Roraima”; 4) “Vida de estudantes indígenas”; e 5) “Formação e transformação: a interculturalidade dos povos indígenas”. Na introdução, o autor situa suas escolhas conceituais e ético-políticas, além de apresentar o contexto em que se deu o desenvolvimento da pesquisa, englobando parte da sua experiência e observação na tessitura das aproximações entre Brasília e Boa Vista e suas respectivas instituições, UnB e UFRR.

Com isso, o autor reflete sobre as transformações nas universidades com a emergência de novos sujeitos sociais ocupando o espaço acadêmico. Para isso, ele opta pela chave interpretativa da interculturalidade na perspectiva dos acadêmicos indígenas para compreender "por que os indígenas estão buscando cada vez mais o ensino superior" (Lisboa, 2022, p. 27) e o que "a universidade tem a oferecer a eles" (2022, p. 27), sendo possível dedicar um espaço da pesquisa para apresentar ao leitor um "universo de referências materiais e simbólicas dos povos indígenas" (Lisboa, 2022, p. 37).

O capítulo 1 – “Mito e geografia, história e ciência” – recupera alguns mitos e suas formas de apropriação por não indígenas, discutindo as "formas tradicionais de transmissão do conhecimento indígenas" (Lisboa, 2022, p. 57), além das noções de temporalidade dos povos indígenas, que dão sentido a sua própria história e comunicam a simbiose de um conhecimento transformado violentamente pelo "mundo dos brancos". Nesse capítulo, há o diálogo crítico e insubmisso com a antropologia eurocêntrica e com a inclusão das críticas decoloniais, especialmente as contribuições dessa ciência para o colonialismo (Quijano, 2005).

O capítulo 2, intitulado "O movimento indígena em Roraima e a escolarização", aborda a emergência do movimento indígena contemporâneo e suas articulações na luta por uma educação indígena diferenciada. Esse movimento chega às universidades não apenas por meio das políticas de acesso e permanência, mas também pelas transformações provocadas pelos movimentos sociais indígenas na UFRR, como a criação do Curso de Formação Superior de Educação Intercultural Indígena (2003).

A luta indígena vem acompanhada do fenômeno de tomada de consciência. Para explicá-lo, Lisboa utiliza o termo *etnogênese*, que se trata do processo de constante resgate que os grupos étnicos fazem de partes dos elementos da tradição: “a noção que se depreende é que a tradição cultural serve, por assim dizer, de ‘porão’, de reservatório onde se irão buscar, à medida das necessidades no novo meio, traços isolados do todo [...]” (Cunha, 1987, p. 88). A tradição seria, assim, utilizada para novos fins, como instrumento de reafirmação étnica, de



consciência de uma história e experiência em comum, e, aqui, compreendida como um elemento de luta por direitos, tendo em vista que “as características que são levadas em consideração não são a soma das diferenças ‘objetivas’ [partilha da mesma língua, religião, território ou história], mas somente aquelas que os próprios atores consideram significantes” (Barth, 1998, p. 194). Além de tudo, esse processo “diz respeito à forma como os grupos ou comunidades são imaginadas [em relação aos outros]” (Vermeulen, 2001, p. 85), de modo que é “a fronteira étnica que define o grupo e não a cultura que ela abrange (Barth, 1998, p. 195). Em meio a esse fenômeno, encontram-se os povos indígenas Macuxi e Wapichana, agindo por *brechas*, ou *fissuras*, existentes no sistema de dominação, “desjogando” o jogo.

O terceiro capítulo, que recebe o título “A presença indígena na Universidade Federal de Roraima”, analisa a participação indígena na instituição. Nesse tópico, apresenta-se o perfil da universidade com base na presença de acadêmicos indígenas nos cursos de graduação da UFRR. Tais questões permeiam a análise: quem são? Quantos são? Quais cursos fazem? Qual o número de ingresso por ano? Quantas vagas foram ofertadas? Assim, consideram-se ingresso por etnia, políticas de permanência e as transformações provocadas na universidade a partir do ingresso desses acadêmicos. Além disso, o capítulo também reflete sobre a presença do pesquisador no campo, que faz com que ele lance um olhar mais atento sobre as organizações e políticas indígenas no ensino superior. Ao escutar um dos interlocutores, depreende-se que “a busca pela formação é assim mobilizada em função da ‘luta’, por meio de cursos universitários que forneceriam o instrumental necessário para o fortalecimento do movimento, das comunidades e das lideranças indígenas” (Lisboa, 2022, p. 117).

No capítulo 4 – “Vida de estudantes indígenas” –, a pesquisa lança luz na análise dos acadêmicos no contexto da universidade, da cidade, da família, da militância e da arte. Esses novos sujeitos sociais provocam transformações ao se relacionarem com o universo da academia, de modo que sua presença e mudanças não ficam restritas ao espaço físico da universidade. Contudo, a presença física indígena no campus da UFRR traz o caráter afirmativo de visibilidade da identidade indígena, possibilitado, em alguma medida, por estarem ligados ao instituto Inskiram.

Neste capítulo, ao priorizar a voz de estudantes indígenas, o autor reflete sobre o protagonismo indígena e seus movimentos acadêmicos e políticos, bem como as formas que intelectuais indígenas contemporâneos refletem e mediam as relações entre os dois universos, o da comunidade e o da universidade. Com isso, o autor relata seu encontro com o acadêmico Eriki Aleixo com uma aparente simetria entre eles:

No caso de Eriki, as regras do mundo acadêmico, seus “rituais” e hierarquias, linguagem científica específica e normas técnicas, seus eventos importantes. No meu caso, as

regras do movimento indígena, suas organizações, maneiras corretas de falar e se dirigir aos líderes tradicionais e aos dirigentes, seus eventos importantes (Lisboa, 2022, p. 230).

Isso é observado, ainda, sem a intenção de apagar a assimetria marcadamente manifesta em Boa Vista e na UFRR, “decorrente de posições coloniais de poder que historicamente separaram índios e brancos” (p. 230) com posições hierárquicas de subalternização dos povos indígenas. Na paisagem da UFRR, a presença e a intervenção de indígenas nesse espaço configuram um manifesto político de (re)existência. Esse processo resgata o protagonismo exercido por esses acadêmicos, especialmente na transmissão de conhecimentos tradicionais, na organização da vida cotidiana, na preservação de artefatos culturais e na valorização dos elementos mitológicos de diversas etnias, com destaque para os povos Wapixana e Macuxi, em sua interação intercultural com a academia.

O artista indígena do povo Macuxi, Jaider Esbell, é o autor da obra de arte que ilustra a capa do livro, intitulada *Dignidade e Conhecimento*. Em suas palavras, “a arte me leva a lugares onde eu demoraria muito mais tempo para chegar se fosse de outra forma”. Suas reflexões convidam o leitor a perceber a decolonialidade do olhar, estimulando a construção de um repertório de experiências visuais múltiplas sobre os povos indígenas. Esse repertório integra narrativas produzidas sobre e por esses povos, que refletem seus modos de fazer, ser, pensar e estar no mundo.

No quinto e último capítulo, intitulado “Formação e transformação: a interculturalidade dos povos indígenas”, o autor dialoga com o acadêmico Mário Nicácio, explorando sua trajetória e pensamento. A narrativa destaca a materialização das experiências de novos sujeitos sociais que ingressam nas universidades, construindo utopias possíveis para esses espaços, como a proposta de uma universidade indígena. Esses sujeitos, forjados nas lutas dos movimentos sociais e engajados em temas socialmente relevantes, são majoritariamente não brancos, incluindo indígenas, negros, mulheres e pessoas periféricas. Eles vêm promovendo transformações significativas nas universidades brasileiras, criando e (re)existindo dentro e fora da UFRR, enquanto fomentam a coexistência de saberes e uma interculturalidade ético-política.

Assim, ao enfatizar as vozes dos acadêmicos indígenas da UFRR, o autor buscou apresentar, na primeira pessoa, a coexistência de saberes e influências diversas (indígenas, urbanas, acadêmicas, familiares, entre outras) que moldam o olhar e as experiências desses indivíduos (Lisboa, 2022, p. 289). A obra também provoca reflexões sobre as relações assimétricas entre indígenas e não indígenas na cidade de Boa Vista, onde as populações indígenas ocupam majoritariamente territórios periféricos, enfrentando um histórico de exploração da mão de obra e racismo epistêmico. Essas dinâmicas estão associadas à posição de classe, considerando que “não há cultura étnica isenta da posição de classe” (Vermeulen, 2001, p. 60).





Referências

BARTH, Fredrik. Grupos Étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade - 2ª edição: Seguido de "Grupos étnicos e suas fronteiras"*. São Paulo: UNESP, 1998, p. 185-227.

CUNHA, Manuela Carneiro da. Etnicidade: da cultura residual, mas irreduzível. In: CUNHA, Manuela Carneiro da. *Antropologia do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina, set. 2005. Disponível em: http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf. Acesso em: 6 jun. 2023.

VERMEULEN, Hans. *Imigração, integração e a dimensão política da cultura*. Lisboa: Edições Colibri, 2001.

Recebido em 17/07/2024

Aprovado em 13/11/2024

Publicado em 31/12/2024